

COLEÇÃO RECONQUISTA DO BRASIL (2ª Série)

Dirigida por Antonio Paim, Roque Spencer Maciel de Barros e Ruy Afonso da Costa Nunes. Diretor até o volume 92 Mário Guimarães Ferri (1918-1985)

VOL. 149



Capa
Cláudio Martins

Nota Preliminar e Introdução
Afrânio Peixoto

A Obra de Anchieta no Brasil
J. Capistrano de Abreu

Posfácio
Antônio Alcântara Machado



EDITORA ITATIAIA LIMITADA

BELO HORIZONTE

Rua São Geraldo, 53 — Fone : 222-8630
Rua da Bahia, 902 — Fones : 224-5151 e 226-6997
Rua São Geraldo, 67 — PABX: 212-4600 e 222-7002

Cláudio
2/189

JOSÉ DE ANCHIETA

Daniel
12 cópias

3c

CARTAS

INFORMAÇÕES,
FRAGMENTOS HISTÓRICOS
E SERMÕES

COL. ILANA BLAJ
NÃO CIRCULA

SBD-FFLCH-USP



226316

Editora Itatiaia Limitada
Editora da Universidade de São Paulo

XI.

AO PADRE GERAL, DE SÃO VICENTE, A 1 DE JUNHO DE 1560 (168)

Resistencia dos Brasis á catequese. — Conversões na hora da morte. — Padre Afonso Braz e Irmão Gaspar Lourenço. — Visitas ás povoações. — Práticas abortivas entre o Gentio. — Irmão Diogo Jacome. — Offícios dos Jesuitas. — Castidade das Indias Cristãs. — Padre Luiz da Grã. — Chuva de grão. — Irmão Manuel de Chaves. — Batismo de dois cativos condenados á morte. — Irmão Gonçalo d'Oliveira. — Guerras com os Índios do sertão. — Os Franceses do Rio de Janeiro. — Jeju des Boulez em São Vicente. — Sua disputa com Luiz da Grã e partida, prêso, para a Baía. — Expedição de Mem de Sá contra os Franceses do Rio. — Socorro enviado de São Vicente. — A tomada do forte de Coligny. — Vinha de Nobrega. — Grã recebe a patente de Provincial.

No ano de 1558, no fim do mês de Maio escrevi, Reverendo em Cristo Padre, o que se passou, assim acêrca de nós outros, como da conversão e doutrina dos Indios, e de então a esta hora, nunca achámos occasião de poder escrever, visto neste último tempo não partir daqui navio algum, porque mais é para se compadecer de nós outros, que para se irar, que tanto tempo carecemos das cartas dos nossos Irmãos, e vimos a tanta falta, que até para dizer missa, nos faltou vinho por alguns dias.

Darei agora conta do que depois succedeu, e primeiramente que recebessemos grande alegria com as cartas que agora recebemos, maximè em as de Vossa Paternidade, em as quais se mostrava o paternal amor e singular cuidado, que tem de nós outros, porque além de Vossa Paternidade não cessar de nos oferecer á Divina Mage-

tade em suas orações, ordenou que todos nossos Irmãos nos encomendem mui particularmente a Nosso Senhor, do que está claro que nos há de vir muita ajuda e proveito. Porque como era possível que pudessemos sofrer tanto tempo, e com tanta alegria, tanta dureza de coração dos Brasis que ensinamos, tão cerrados ouvidos á Palavra Divina, tão facil renunciantes dos bons costumes, que alguns hão desaprendido, tão pronto-relaxo aos costumes e pecados de seus maiores, e finalmente tão pouco e nenhum cuidado de sua propria salvação, se as contínuas orações da Companhia nos não dêssem mui grande ajuda?

Ha tão poucas cousas dignas de se escrever, que não sei que escreva, porque, se escrever a Vossa Paternidade que haja muitos dos Brasis convertidos, enganar-se-á a sua esperança, porque os adultos a quem os maus costumes de seus pais têm convertido em natureza, cerram os ouvidos para não ouvir a palavra de salvação, e converter-se ao verdadeiro culto de Deus, não obstante, que continuamente trabalhamos pelos trazer á Fé; todavia, quando caem em alguma enfermidade, de que parece morrerão, procuramos de os mover, a que queiram receber o batismo, porque então comumente estão mais aparelhados; mas quantos são os que conhecem e queiram estimar tão grande beneficio? Não são por dois outros exemplos que isto se pôde entender.

Adoeceu um destes catecumenos em uma aldeia nos arrabaldes de Piratininga e fomos lá para lhe dar algum remédio, principalmente para a sua alma: diziamos-lhé, que olhasse para a sua alma, e que deixando os costumes passados, se preparasse para o batismo: respondeu, que o deixassemos sarar primeiro, e esta resposta sòmente nos dava a tudo que lhe diziamos nós outros: declaravamos abreviadamente os artigos da Fé, e os mandamentos de Deus, que muitas vezes de nós outros tinha ouvido, e respondido, como enjoado, que já tinha os ouvidos tapados, sem ouvir ao que lhe diziamos, em todas as outras cousas fóra dèste proposito respondia prontamente, que bem parecia não ter tapados os ouvidos do corpo, e sòmente os do coração.

Adoeceu outro em outro lugar, e como muitas vezes o admoestavamos, o mesmo dizia, crendo que se sanaria; mas aumentando-

se cada dia a enfermidade, visitei-o, e vendo por outra parte estar já *in extremis*, com palavras brandas o persuadia a tomar o batismo, e ele mui indignado, levantou a voz, que não podia, gritando que o não molestasse, e que estava são: irava-se com tudo por todas as vias: dêste já alguns Irmãos haviam tentado ganhá-lo para o Senhor, trabalhando nisto com muitas palavras, que parecia já haver dado consentimento, e disse: "Pois que assim é, te batizarão e alcançarás a eterna salvação"; mas não somente não consentiu, que cobrindo a cara me deixou, sem dizer mais palavra, e no outro dia, permanecendo na mesma obstinação, morreu.

Que direi de outro, que voltando da guerra com flechadas e quasi para morrer, curámo-lo com toda a diligência, o que fazemos a todos, até que cobrem a saúde? Aquele com a dôr das chagas prometia de receber o batismo, e de viver bem conforme os mandamentos de Deus, e ele não menos se tornou aos costumes antigos, como se nenhum mal houvera acontecido. Deixo outros que fazem da mesma maneira, para os quais seria mister longa oração, que nenhum cuidado têm das cousas futuras, para que não dê em nossas cartas a Vossa Paternidade maior motivo de dôr, que de alegria, vendo que aqueles que o piedoso Senhor de tão inumeravel multidão sujeita ao jugo do demonio, não os deixou trazer á sua Igreja, e vestidos de gloria imortal nos Céus, não falando nos innocentes, que morrem muitos batizados, e vão gozar da vida eterna, os mesmos adultos tinham tambem muita ocasião de irem para o Senhor, receber grande consolação.

Havia um Cristão, casado legitimamente, que havia muito tempo estava enfermo: fomos visitá-lo ao lugar cinco milhas de Piratininga; consolou-se muito, confessou-se com muita dôr e contrição, e voltámos para casa: chegou um benzedor do sertão: o enfermo, assim por leviandade do coração, como pelo desejo da saúde, se deixou esfregar por aquele, e chupar segundo o rito dos Gentios; mas como não sentisse sinal de saúde que esperava, arrependido com grande dôr, uniu-se a nós outros a confessar o seu pecado, e estando junto da Igreja, onde com frequentes confissões pôde limpar a sua alma dos pecados, curámo-lo, e, daí a alguns dias, achando-se melhor, se tornou para sua casa, onde caiu

em uma doença incuravel, pela qual se fez trazer a Piratininga, para aí acabar de expirar. Os dias que aí viveu não os passou ociosamente, mas antes confortando-se com assiduas orações, confissões e admoestações saudaveis dos Irmãos, se aparelhava para passar o restante da vida: chegando depois o termo dela, mandou chamar os Irmãos, e pedindo um Sacerdote com um intérprete, disse-lhes: — "Assentai-me um pouco, em quanto me dura o uso da razão, para procurar o que pertence á salvação de minha alma; encomendai-me a Deus quando tiver falecido, enterrando-me na Igreja; mulher e filhos morem aqui para aprender as cousas da Fé e bons costumes —", e dizendo estas e outras muitas cousas semelhantes com muita devoção, daí a pouco se partiu para a eterna, segundo cremos.

Uma catecúmena que havia dois anos estava enferma de calenturas, fez-se trazer a Piratininga pelos seus parentes, para que a curassemos: fizemos-lhe os remedios que podíamos, mas como a febre já estava arraigada, curámo-la mais da saúde da alma, incitando-lhe os desejos da eterna vida, a qual ela abraçando com todo o afeto do coração, rogava e pedia o batismo. Daí a alguns dias foi a uma aldeia vizinha, fazendo-nos saber primeiro, para que aí uma irmã tivesse cuidado dela; ali a visitámos muitas vezes, e perseverando no mesmo bom proposito de seu coração, depois de mui larga doença, esteve quasi meio dia fóra de si, e tornando em si já tarde, como que acordava de algum sono, mandou logo uns moços a chamar-nos: fomos sem tardança, sendo o sol posto, e achámo-la em *extremis* já, e dando-lhe de comer, a admoestamos que se aparelhasse para o batismo: respondeu ela que estava aparelhada e que o desejava muito; logo nessa hora a trouxemos a Piratininga de noite, aonde um irmão e outro que lá havia diziam, que se deferisse para outras: instruimo-la mais compridamente na Fé, o que ha muitos meses havíamos feito, e a batizámos: logo parece que se lhe mudou o rosto e se tornou mais alegre, quando antes pelas angustias da dôr estava afligida sem nenhum sossego: começou logo a repousar, e a duas ou três horas se passou para a vida.

Depois de muitos dias duas de suas irmãs caíram em uma grande enfermidade; uma delas morreu em Piratininga, cristã e

casada: sangrei-a duas vezes, e ficou melhor; a outra, que ainda era catecúmena, e morava em outro lugar, bem instruída nas cousas da Fé, e que na bondade natural parecia exceder a todas as outras, adoecendo de febre no-lo fez saber: até que passaram quatro ou cinco dias fomos visitá-la, sangrâmo-la, e juntamente lhe ensinamos, e depois da sangria ficou melhor: depois de alguns dias, agravando-se mais a doença, mandou-me chamar para que a tornasse a sangrar: fui bem depressa, mas quando cheguei não tinha os sentidos, nem sinal de vida, e o corpo estava já frio, de maneira que parecia morta; mas como se lhe lançasse agua na cara, começou a mover os olhos; emfim tornando a si lhe perguntei se queria que a batizasse: mas porque não queria al, que toda sua vida nenhuma outra cousa mais desejava, assim que a batizei, e pronunciei ás duas horas da manhã o Santissimo Nome de Jesus, foi confessando a verdadeira Fé, até que deu o espirito ao seu Creador para ir receber o premio eterno. Depois de alguns meses succedeu a outra irmã, que acima falei, mui firme na Fé, e confessada muitas vezes.

Um só exemplo contarei por me não demorar em cada cousa particular, e que não será causa de menor alegria. Faleceu ha pouco uma velha que havia sido manceba de um Português quasi quarenta anos, e ainda gerando muitos filhos; esta como os nossos Irmãos houvessem muito admoestado, que olhasse para si, e não quisesse ir-se ao inferno por aquele pecado, logo arrependida, e conhecendo a maldade com que havia vivido, aborreceu o pecado perseverando na castidade, e trabalhava de purgar seus pecados com muitas esmolos que nos fazia. Agora, ferida de uma longa e incuravel enfermidade, foi a Piratininga, onde deixou uma casa para seus filhos e escravos. Entendia somente as cousas tocantes á salvação de sua alma, confessava e comungava muitas vezes, e dando-nos muitas esmolos, aparelhava eternos tabernaculos na vida. Visitavam-a muitas vezes os Irmãos, confortavam-a nas divinas palavras, principalmente quando já no último, tendo corruptos os membros secretos, (esta era sua enfermidade, que é mui comum nestas mulheres do Brasil, ainda virgens), mas o Padre Afonso Braz, e o Irmão Gaspar Lourenço intérprete, tendo mais ânimo

ao odor que sua alma havia de dar, vencêram o fedor que aos outros era intoleravel, estiveram toda a noite sem dormir, esforçando-a com divinas palavras, em que ela muito se deleitava, até que expirou com ditoso fim, como é de crer.

De outros muitos podia contar, maximè escravos, dos quais alguns morreram batizados de pouco, e outros já ha dias que o foram: acabando sua confissão iam para o Senhor. Pelo que, quasi sem cessar, andamos visitando varias Povoações assim dos Indios como de Portugueses, sem fazer caso das calmas e chuvas, grandes enchentes dos rios, e muitas vezes de noite por bosques mui escuros a socorrer os enfermos, não sem grande trabalho, assim pela aspereza dos caminhos, como pela incomodidade do tempo, maximè sendo tantas estas Povoações, estando longe umas das outras, que não somos bastantes a acudir tão varias necessidades como ocorrem, e, mesmo que fomos muito mais, não poderíamos bastar. Ajunta-se a isto, que nós outros que socorremos as necessidades dos outros, muitas vezes estamos mal dispostos e fatigados de dôres, desfalecemos no caminho, de maneira que apenas o podemos acabar, e assim ainda que mais parece termos necessidade ainda de médico que os mesmos enfermos. Mas nada é arduo a quem tem por fim somente a honra de Deus, e a salvação das almas, pelas quais não duvidamos dar a vida. Muitas vezes nos levantamos do sono, ora para os enfermos e os que morrem, ora para as mulheres de parto, sobre as quais pômos as reliquias dos Santos (169), e porem, e o que elas não ignoram, começando a sentir as dôres, logo as mandam pedir, havendo-se primeiro confessado. Entre estas cousas acontece que se batizam e mandam ao Céu alguns meninos que nascem meio mortos, e outros movidos, o que acontece muitas vezes mais por humana malícia que por desastre, porque estas mulheres brasilicas mui facilmente movem: ou iradas contra seus maridos, ou os não têm por medo; ou por outra qualquer ocasião mui leviana matam os filhos; ou bebendo para isso algumas beberagens; ou apertando a barriga; ou tomando alguma carga grande, e com outras muitas maneiras que a crueldade deshumana inventa (169-A).

Isto me têm dito os doentes, porque o que se ha de julgar

verdadeiro fruto que permanece até o fim, porque dos são não o fazem contar nada a ninguém, por ser tanta a inconstancia em muitos, que não se pôde nem se deve prometer deles cousa que haja de durar. Mas bemaventurados aqueles que morrem no Senhor, que livres das perigosas águas dêste mudavel mar, abraçada a Fé, mandamos ao Senhor, trasladados á vida, soltos das prisões da morte! E assim os bemaventurados exitos dêstes nos dão tanta consolação, que pôde mitigar a dôr que recebemos da malícia dos vivos, e com tudo trabalhamos com muita diligência em a sua doutrina, os admoestamos em públicas prêdicas, e particulares práticas, que perseverem no que têm aprendido, confessando-se e comungando muitos cada domingo.

Vêem tambem de outros lugares onde estão dispersados a ouvir as Missões e confessar-se, maximè quando querem ir á guerra. A' confissão e mais sacramentos têm muita reverência, e tanto, que muitas vezes afirmam os enfermos que se lhes abrandam as dôres depois da confissão. Assim não ha dũvida, que se acharia muito fruto neles se estivessem juntos, onde se pudessem doutrinar, de que se fez agora experiencia na Baía (170), onde juntos em umas grandes aldeias por mandado do Governador, aprendem mui depressa a doutrina e rudimentos da Fé, e dão muito fruto, que durará em quanto houver quem os traga a viver naquela sujeição que temos.

Nas Festas principais, maximè quando se celebra o Nascimento, a Paixão do Senhor, concorrem a Piratininga de todos os lugares, comarcas, quasi todos muitos dias antes; estão presentes aos Divinos Officios e Procissões, disciplinando-se até derramar sangue, para o que muito antes aparelham disciplinas com muita diligência. O mesmo fazem em outros tẽmpos, quando por alguma necessidade se fazem procissões. O Officio das Trevas fazemos na Igreja sem canto, que concluimos tomando uma disciplina com tres *miserere*. Tambem prẽgamos a Paixão, infundindo grande devoção e muitas lágrimas nos ouvintes, as quais tambem derramam em abundancia nas confissões e comunhões. Tambem se lhes ensina a rezar particularmente, e para isto lhes damos rosarios, para que dizendo muitas vezes Ave Maria tenham principal amor e de-

voção a Nossa Senhora. Estes rosarios fez Jacome (171), ao tẽrno, mui polidos, o que ele nunca aprendeu, nem exercitou esta arte, porém constrangido pela obediencia e caridade, sendo esta obra nunca antes dele usada, e ainda se fez de mestre de alguns escravos que gastam nisto algumas horas, maximè em fazer rosarios, os quais distribuidos, assim aos Indios, como a nós outros Cristãos, não são pequenos incitamentos de devoção.

Para não deixar de dizer, pois, o que vem a proposito, quasi nenhuma arte das necessarias para o comum uso da vida deixam de fazer os Irmãos; fazemos vestidos, sapatos, principalmente alpercatas de um fio como canhamo, que nós outros tiramos de uns cardos lançados n'agua e curtidos, cujas alpercatas são mui necessarias pela aspereza das selvas e das grandes enchentes dagua (172): é necessario passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas até ao peito, barbear, curar feridas, sangrar, fazer casas e cousas de barro, e outras semelhantes cousas não se buscam fóra, de sorte que a ociosidade não tem lugar algum na casa.

Prosseguindo, pois, o meu proposito, procedem os Indios na doutrina da Fé, e em lugar dos catecumenos, que de Piratininga se foram, vieram outros de diversos lugares, que se vieram unir segundo a vida Cristã, fizeram casas de táipa para sempre morarem, para os quais deu grande ajuda o Padre Afonso Braz com incançavel trabalho.

Vêem-se em muitos, maximè nas mulheres assim livres como escravas, mui manifestos sinais de virtude, principalmente em fugir e detestar a luxuria, e que como seja comum ruina do genero humano, nesta gente parece que teve sempre não só imperioso senhorio, mas tambem tirania a mais cruel, que como seja verdade, é para espantar e digno de grande dôr, quantas vitórias e triunfos alcançam dela: sofrem as escravas que seus senhores as maltratam com bofetadas, punhaladas, açoutes por não consentirem no pecado, outros desprezando-as, as oferecem aos mancebos deshonestos, a outras por fôrça querem roubar sua castidade, defendendo-se não sòmente, repugnando com toda a vontade, mas com clamores, mãos e dentes, fazendo fugir aos que tentam forçá-las. Uma que foi por um acometida, perguntada de quem era

escrava, respondeu “— De Deus sou, Deus o meu Senhor, a quem te convém falar, se queres alguma cousa de mim”, — e com estas palavras ficou vencido, confundido, contando a outros com grande admiração.

Indo outras a trabalhar por mandado do senhor, seguidas de um moço desavergonhado, como quisesse levar por força a uma delas, correram as outras depressa, exortando-a a propulsar aquela injúria, livrando a sua conserva, acharam ao homem em empurões, de lodo em lodo, e pô, em que bem se poderá considerar a facilidade da torpeza e maldade que queria cometer. Podia acrescentar a estes muitos outros exemplos, que cada dia achamos, pelo que se pôde claramente ver, quanto vale ácerca de muitos pela Divina Bondade, as exortações contínuas dos Irmãos, mas disto facil cousa será conhecer quanto seja a força e virtude da palavra Divina, que pôde fazer correr das pedras copiosas fontes d'água que alegrem a soberana Cidade de Deus.

Assim, nas cousas da doutrina se trabalha com muito estudo e cuidado, assim em Piratininga, onde ultra da comum ordem em que cada dia dos meses são chamados á Igreja, de noite se ajuntam muitos machos em casa, dando-lhes sinal para isto, cujas mulheres e escravas trabalham com muita diligência em aprender o que conduz para a sua salvação, confessando-se muitos, e comungando todos os Domingos, vindo aos Sermões e Offícios Divinos. No que trabalham os Irmãos que têm a seu cargo, principalmente o Padre Luiz da Grã, com um trabalho incançavel e contínuo, procurando a salvação das almas; tres, quatro e cinco vezes reparte o pão da doutrina aos famintos, e tão alegremente se ocupa em ensinar dois ou três, como se estivesse a Igreja cheia, pondo grande cuidado em visitar os enfermos, admoestar particularmente a uns e a outros, e ouvir confissões.

Os dias passados, depois do sol posto, veio um grandissimo vento com chuva de granizo (173), que fazia tremer as casas, arrebatoou os telhados, e fez grande estrago nos bosques: mandou o Padre que se ajuntassem os escravos, e o solito confugio da oração, e tomando consigo ao Irmão Manuel Chaves intérprete, andava de casa em casa visitando a todos, para saber se havia acontecido al-

gum desastre com a caída das casas, acudindo com a medicina corporal e espiritual, e a todos fez ajuntar na Igreja, que parecia lugar mais seguro, admoestando-os, que pedissem a Divina ajuda: alguns velhos doentes e meninos fez trazer á casa até o outro dia, que finalmente em todos se viu tambem um sinal da Divina Sabedoria, que parece que nenhuma cousa se podia, e de ia fazer melhor do que se fez. Pelo que, não sem razão, estiveram todos com o Padre, assim Indios como os Portugueses, a quem tambem prègou mui a miudo aqui, e em outras povoações com grande edificação dos ouvintes.

Muita cousa parece que se conta dos Indios, ás quais ajuntarei algumas, de suas guerras, nas quais como tinham posto quasi todos os seus pensamentos e cuidados, e neles se se pudesse ver, quão vagas são a virtude e doutrina da vida Cristã, os dias passados sendo encontrados os inimigos vieram a um lugar, e tomáram muitos cativos. Um deles dizia haver de se matar em uma povoação perto de Piratininga; com seus cantos vimos as festas como é costume: sabendo o Padre Luiz da Grã foi a ela, para batizar aos moradores, que não quizessem cometer aquela maldade, prometeram-lhe que não haviam de deixar sujar seu lugar em que havia tantos Cristãos com derramamento de sangue innocente. Mas como houvesse fama que se aparelhava todo o necessario para a morte, tornou lá uma e outra vez, estando aquela aldeia quatro milhas de Piratininga, e os que já eram batizados promettessem que tal não se faria, todavia um só cativo infiel, que havia ali, vindo doutra parte para ganhar aquela misera e torpissima honra, induzido por conselho de algumas velhas, determinou matá-lo, e tomar o seu nome e insignias de honra. Sabendo nós outros que assim estava determinado, fomos lá, como quem iam negociar em outra cousa, porque nos escondessem como costumam, para que o batizassemos, e a sua alma innocente fosse participante dos gozos eternos. Era um menino innocente até tres anos, mui elegante e formoso, que fizemos trazer deante de nós outros, e batizamos, pesando-nos, uma parte por se haver de matar um menino innocente com tanta crueldade, e em cuja morte tantos vi, já batizados, haviam gravemente pecar, e por ou-

tra parte alegramo-nos muito, porque logo sua inocente alma havia de ir passar-se á vida eterna. Isto acabado, e já a causa estava segura, e não havia perigo de esconder: começamos diante de muitos a detestar aquela maldade, e notar-lhes de cobardes e frouxos que queriam em meninos pequenos vingar as injurias e mortés que recebiam dos inimigos, e ameaçar-lhes com o Divino Juizo, e com a morte, se fossem comer o menino já batizado. Depois de alguns dias estando nós outros ausentes, o matáram com as costumadas solenidades, mas não o comêram, estando presentes alguns dos moradores; e outros que já haviam deixado mais altas raizes na Fé, foram para outros lugares, não querendo manchar os olhos com tal espetáculo (174). E' também muito para espantar e dar muitas graças ao Todo Poderoso Deus, que nem estes, nem os outros dos lugares vizinhos que já em algum tempo ouviram de nós outros, e ainda agora muitas vezes ouvem a palavra de Deus, não comam carne humana, não tendo eles sujeição alguma, nem medo dos Cristãos.

Ainda contarei outro exemplo que dará muita alegria. Pouco ha que cativáram outro, que leváram a um lugar para matar, e detendo-se uma noite em Piratininga, foram os Irmãos a combatê-lo com as armas da palavra Divina, a ver se podiam tomar aquella Fortaleza, que ha tanto tempo havia estado occupada de Satanaz, e convertê-lo ao senhorio de nosso Salvador. Logo ao primeiro combate fugiu o demonio, que estava na sua alma, querendo perdê-lo para a Fé: era um moço que parecia ter quinze anos, de um bom natural; e respondia com tanta prontidão e fervor de coração ás cousas da Fé, que lhes perguntavam, que parecia havê-las aprendido: instruido pois pelos Irmãos, foi advertido que se oferecesse com bom coração ás injúrias que os Indios lhe fizessem. No seguinte dia foi levado a outro lugar, e o seguiu o Padre Afonso Braz á tarde, e os Irmãos Manuel de Chaves e Gonçalo d'Oliveira (175), intérpretes. Perguntando-lhe depois o Irmão Gonçalo, que tomou o cuidado de o instruir, como o haviam tratado, respondeu: "Uma vez sòmente me deram uma punhalada, mas recordando-me das tuas palavras, não a senti". Tomáram então os Irmãos a seu cargo de o instruir mais perfeitamente na

Fé, e defendê-lo dos que lhe quisessem fazer algumas injúrias, que naquele tempo costumavam fazer aos moços. Davam-lhe também uma moça, como era costume, para manceba e guardadora; mas os Irmãos não o consentiram, e o mesmo o aborreceu muito, dizendo que nunca fôra encasado com o pecado. Não faltaram Indios que queriam o sacassem do poder dos escravos, e o enviassem para as casas a bailar toda a noite, e como não quisessem os escravos, lhes falaram palavras insolentes e injuriosas. Outros, passando junto do moço, lhe diziam: — "Morrerás", — que era palavra solene daquele tempo, o que ele não sentia; e como os Irmãos o quisessem proibir, diziam-lhes que o deixassem, e já ele não sentia aquella cousa. A' meia noite o batizáram, estando mui bem instruido na Fé, e admoestado que se entregasse todo a Deus, e se esquecesse desta vida em que tão pouco havia de estar: mas o Senhor que o havia predestinado, *ab eterno*, estava já tão apoderado da sua alma, que não lhe deixava pensar nem dizer outra cousa. E porque o Irmão Manuel de Chaves perguntasse que determinavam os inimigos, se nos queriam fazer guerra, como soíam, respondeu-lhe: — "Oh, meu avô, deixa agora isso, que me quero ir para Deus." Um pouco antes da manhã em que o haviam de matar, um Indio de Piratininga, Cristão mui estimado entre nós, fez uma fala ao redor dele e casas (como é costume) admoestando aos seus que deixassem aos Irmãos fazer com o inimigo tudo que julgasse ser necessario para a sua alma, sem o que o teriam por inimigo e destruidor. Vindo a alva, quando a sua alma havia de ser vestida dos resplendores do Sol da Justiça, o leváram para o terreiro, estando presente uma grande multidão, atado pela cintura com cordas compridas, pegando muitos por uma parte, e a outra toda solta, chegou-se a ele, o que o havia de matar, usando primeiro das suas ceremonias e ritos com a solene palavra — "Morrerás". — Gritáram-lhe os Irmãos que se pusesse de joelhos, o que logo cumpriu, levantando os olhos e as mãos para os Céus, chamando pelo Santissimo Nome de Jesus, lhe quebrou a cabeça com um pau, e vôu a alma ditosa da gloria imortal dos Céus. Praza ao Senhor que tal morte nos dê, sendo-nos quebrada a cabeça por amor de Cristo. Ao morto lhe tiráram as cordas, e

deixáram sem fazer mais cousa alguma, e os Irmãos o meteram em uma rede, e trazendo-o ás costas para Piratininga, o enterráram na Igreja para se entoar canticos justos pela vinda do Senhor (176). Bemdito seja Deus, cuja infinita sabedoria chama de diversas partes os seus escolhidos, para que ocupem o número daqueles que hão de ser admitidos á sorte dos filhos de Deus.

Dos moços que falei no princípio foram ensinados não só nos costumes Cristãos, cuja vida quanto era mais diferente da de seus pais, tanto maior ocasião dava de louvar a Deus e de receber consolação, não queria fazer menção por não refrescar as chagas, que parecem algum tanto estar curadas; e daqueles direi somente, que chegando aos anos da puberdade, começaram a apoderar-se de si, vieram a tanta corrupção, que tanto excedem agora a seus pais em maldade, quanto antes em bondade, e com tanta maior senvergonha e desenfreamento se dão ás borracheiras e luxurias, quanto com maior modestia e obediencia se entregavam dantes aos costumes Cristãos e divinas instruções. Trabalhamos muito com eles, para os reduzir ao caminho direito, nem nos espanta esta mudançã, pois vemos que os mesmos Cristãos procedem da mesma maneira.

Quanto aos Indios do sertão, muitas vezes estamos em guerra com eles, e suas ameaças sempre padecemos: matáram ha poucos dias a alguns Portugueses que vinham do Paraguai, ficando ensoberbecidos com esta maldade, ameaçando-nos com a morte. Também os inimigos com continuos assaltos que dão nos lugares, destróem os mantimentos, e levam a muitos cativos. No ano passado deram em uma casa aqui junto da Vila, e cativaram muitas mulheres que tinham saído de casa, e iam fugindo: embarçando-se nas canôas as leváram, mas entre aqueles uma mestiça, que frequentava aqui a doutrina e confissões, com animo varonil resistiu aos inimigos para a não levarem, e como trabalhassem muito para a embarcar, e não podiam conseguir, a matáram com feias feridas, e é de supôr que ella obraria com aquella intenção, que muitas vezes dizia ás outras que andavam na mesma doutrina, principalmente um dia antes que a matassem, quando se despedira delas, a quem costumava dizer, que, se os contrarios dessem

em casa de seu Padre e a cativassem, não havia de se deixar levar viva, para que a não tomassem por manceba, como faziam a todas as outras, porque se havia de deixar antes matar do que ir com elles, pois sabia de certo que corria perigo padecer fôrça a sua castidade.

Antes disto vieram outros, e, com elles, quatro Franceses, que, com o pretexto de ajudar aos inimigos na guerra, se queriam passar para nós outros, o que não puderam fazer sem muito perigo. Estes, como depois se supôs, apartáram-se dos seus, que estão entre os inimigos em uma povoação que chamamos Rio de Janeiro, daqui a cincoenta leguas, e têm trato com elles; fizeram casas, e edificaram uma torre mui provida de artilheria, e forte de todas as partes, onde se dizia serem mandados por El-rei de França assenhorearem-se daquela terra (177) Todos eles eram hereges, aos quais mandou João Calvino dois que lhes chamam Ministros (178), para lhes ensinar o que haviam de ter e crer. Daí a pouco tempo, como é costume dos hereges, começaram a ter diversas opiniões uns dos outros, mas concordavam nisto que servissem a Calvino e a outros letrados, e logo que elles respondessem isto, guardariam todos. Neste mesmo tempo um deles (179) ensinava as artes liberaes, grego e hebraico, e era mui versado na Sagrada Escritura, e por medo do seu Capitão que tinha diversa opinião, ou por querer semear os seus erros entre os Portugueses, uniu-se aqui com outros tres companheiros idiotas, os quais como hospedes e peregrinos foram recebidos e tratados mui benignamente. Este que sabe bem a lingua espanhola, começou logo a blasonar que era fidalgo e letrado, e com esta opinião, e uma facil e alegre conversação que tem, fazia espantar os homens para o estimarem. Escreveu tambem uma breve carta ao Padre Luiz da Grã, que então estava em Piratininga, na qual lhe dava conta de quem era, e o que havia aprendido, dizendo que depois que o mestre de sua adolescencia, varão singular, o havia metido nas escolas das *Pierides* (180), havia bebido da fonte cabalina amenissimos arvoios de sabedoria, e se havia passado ao estudo da Sacra Teologia e Divina Escritura, a qual para mais facilmente poder alcançar, havia aprendido a lingua Sacra, isto é a hebrêa, dos mesmos

Rabís, dos quais tinha ouvido de muitos peritos, e que praticaria com o Padre quando se vissem. Estas cousas quasi comprehendia no fim da Epistola, que concluiu com um distico. Passáram-se muitos dias quando começou a arrotar do seu estomago cheio de fedor dos seus erros, dizendo muitas cousas sobre as imagens dos Santos, e o que aprovava a Santa Igreja do Sacratissimo Corpo de Cristo, do Romano Pontifice, das Indulgencias, e outras muitas que adubava com certo sal de graça, de maneira que ao paladar do povo ignorante não só não pareciam amargas, mas mesmo doces.

Sabendo isto o Padre Luiz da Grã, veiu logo de Piratininga a opôr-se á pestilencia, e arrancar as raizes inteiras dêste mal que começava a brotar. Tendo receio disto, e pensando que tal bastasse para indignar o Padre, e torná-lo suspeito, se porventura fugisse dele, mandou-lhe logo uma invectiva, cujo princípio era este: *Adeste mihi cœlitos, afferte mihi gladios ascipites ad faciendam vindictam in Luduvicum Dei osorem &c.*, na qual o acusava e reprehendia mui grandemente porque não repartia o pão da doutrina com os Portuguezes, por trabalhar na conversão dos Infieis, e disto se nos amontoou muitas outras cousas, com que esperava se exasperaria o Padre. Mas o Padre que tratava da causa de Deus não fugiu, tendo mais respeito á comum salvação de todos, que á sua propria glória; foi ao Vigario, requerendo que não deixasse ir adeante esta peçonha luterana, e com sermões publicos admoestasse ao povo que se acautelasse daqueles homens, e dos livros que trouxeram cheios de heresias. Porém o vulgo imperito, em frequentes práticas, louvava aos Franceses, maravilhando-se de sua sabedoria e eloquencia, apregoando os conhecimentos que tinham dos atos liberais, e pelo contrario caluniava ao Padre Luiz da Grã, dizendo, que enojado pela invectiva que lhe mandára, o perseguia. E o que é mais, já a pestilencia pouco a pouco grassava nos corações incautos da imperita multidão, que sem dúvida muitos se infeccionáram da peçonha mortal, sem haver a menor resistencia. Tanto valeu de repente a sua autoridade deante de todos, que muito se diminuiu a do Padre, que todos tinham em muita reputação, por seu exemplo de vida e singular doutrina. Depois

disto o mandáram para a Baía, para lá se conhecer mais amplamente da sua causa, e o que lá e aqui se fez acerca dele, e para que por cartas particulares se saiba e não é cousa que convenha para carta geral, calarei: sómente direi que se tratou a cousa de maneira, que terá Vossa Paternidade ocasião de grande dôr, considerando quão pouco caso se fez entre os Cristãos fieis da causa da Fé.

Dêste, soube o Governador os projetos dos Franceses e com naus armadas veiu combater a fortaleza (181). Daqui foi socorro em navios e canôas (182), e nós outros demos o costumado socorro de orações, além das particulares que fazia cada um: diziam-se cada dia umas litánias na Igreja, acabada a missa: tambem se mandou daqui um Padre (183), com o Irmão intérprete (184), a rogos do Governador, para que se occupasse em confessar os soldados, e ensinar aos Índios que com eles haviam vindo. Voltou o Irmão mui doente de febres e cameras de sangue, pelo muito trabalho e frio que sofreu, mas logo sarou pelo favor da Divina Bondade.

Era a fortaleza mui forte, assim pela natureza e situação do lugar, toda cercada de penhãs, que se não podia entrar senão por uma subida estreita e alta por rochas, como pela muita artilharia, armas, alimentos, e grande multidão de barbaros que tinha, de maneira que pelo juizo de todos era inexpugnável. Acometeram (185) com tudo isto por mar e por terra, confiados no Poder Divino e no seu proprio: defendiam-se os Franceses com os inimigos, travando-se grande e cruel peleja: de ambas as partes morreram muitos, e os mais deles dos nossos, e veiu a tanto, que já tinham perdida a esperanza da vitória, e tomaram conselho como sem perigo se poderiam embarcar e transportar as munições que estavam em terra, como pelos perigos, o que por certo não puderam fazer sem morrerem muitos; mas tendo os nossos cometido cousa tão árdua, e ao parecer de quasi todos temeraria, pela justiça e fé foram ajudados do Senhor dos Exercitos, e quando já nos navios não havia polvora, e os que pelejavam em terra estavam desfalecidos pelo muito trabalho, fugiram os Franceses, desampararam a torre, recolhendo-se ás Povoações dos barbaros em canôas, de maneira

que é de crêr que muitos fugiram mais com o espanto que lhes pôs o Senhor que com as fôrças humanas. Tomou-se, pois, a fortaleza, em que se achou grande cópia de cousas da guerra e mantimentos, mas cruz-álgebra, imagem de Santo, ou sinal algum de catolica doutrina se não achou, mas grande multidão de livros hereticos, entre os quais (se por ventura isto é sinal de sua reta Fé) se achou um Missal com imagens roidas. Socorra o Senhor as suas ovelhas.

Com o Governador veio o Padre Manuel da Nobrega (186), mui doente, magro, com os pés e cara inchada, pernas cheias de postemas, e com outras muitas enfermidades, das quais, como aqui chegou, começou a se achar melhor, e esperamos na bondade do Senhor que pouco a pouco lhe irá dando saúde. Os Irmãos tambem adoecem ás vezes, mas em breve tempo convalescem; os quais com entender com a saúde dos proximos muito mais trabalham pela sua, servindo ao Senhor com alegria, dando-se aos solitos exercicios da oração, obediencia e humildade, e exortando-se com muitas práticas á virtude. A maior parte está sempre em Piratininga, onde alguns filhos de Portugal aprendem gramatica: aqui estão sempre dois sacerdotes. O Padre Luiz da Grã não tem assento firme para melhor acudir a todos: agora está em Piratininga, onde har muitos Portugueses com toda a sua familia, e aí e em outros lugares vizinhos trabalha na doutrina dos Indios, agora aqui, e em outros lugares ao derredor procurando o proveito espiritual dos Portugueses e seus escravos. Ha pouco recebemos cartas em que se lhe encomendava o cargo desta Provincia (187), o que ele disse aos Irmãos, chamando a todos na Igreja, e mandando-os sentar, posto ele de joelhos (188), acusando-se gravemente, afirmando não ser apto para tal cargo, e depois prostrado por terra, beijando os pés a todos os Irmãos. Isto é, Reverendo em Cristo Padre, o que queria saber daqui; resta que com assiduos rogos encomende a Nosso Senhor êstes minimos filhos da Companhia, para que possamos conhecer e perfeitamente cumprir sua Santissima Vontade.

Colegio da Ilha de São Vicente, ano de 1560, o 1º de Junho.

Mínimo da Companhia de Jesus.

NOTAS

(168) Copiada n livro de registro *Cartas dos Padres da Companhia de Jesus sobre o Brasil*, cit., fl. 79; em castelhano. Pbl., vertida para o portuguez, nos *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltazar da Silva Lisboa, VI, paginas 111-139, e repr. luída no "Diario Oficial", do Rio, de 8, 17 e 24 de janeiro de 1884, por Teixeira de Melo, que tomou com o texto a liberdade de suprimir os trechos mais realistas. Antonio de Alcantara Machado pbl., no original castelhano, cê ca da quarta parte final desta carta, na sua memoria *Anchieta na Capitania de São Vicente*, Rio, 1929, p. 83-6.

(169) Superstição universal essa, ainda hoje subsistente, de colocar sobre a parturiente reliquias e imagens de santos, sobretudo a cintura de Santa Catarina.

(169-A) Cf. Gandavo (*Trat.*, p. 51-2) no trecho em que se refere ao costume indigena de dar, ao cativo, condenado á morte, "uma india moça, a mais formosa e honrada que ha na aldeia, pera que durma com ele": "E se a moça que dormia com o cativo fica prenhe, aquela criança que pare depois de criada, matam-a e comem-a (...). E porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que morra" (ou "mova", como registra a ed. das *Noticias Ultramarinas* e escreve Anchieta, dando a mover o sentido de abortar).

(170) Em 1558, logo depois de tomar posse do govêrno, Mem de Sá, a conselho de Nobrega, para estabelecer a paz entrê os Indios da Baía e facilitar a sua catequese, promulgou três leis, "sob graves penas": "Primeira, que nenhum de nossos confederados ousasse dali em deante comer carne humana. Segunda, que não fizesse guerra, senão com causa justa, aprovada por ele e os de seu conselho. Terceira, que se juntassem em povoações grandes, em fórma de repúblicas, levantassem nelas igrejas, a que acudissem os já cristãos a cumprir com as obrigações de seu estado, e os catecumenos á doutrina da Fé; fazendo casas aos Padres da Companhia pera que residissem entre eles, a fim da instrução dos que quisessem converter-se". Assim, foram fundadas "quatro poderosas aldeias": São Paulo, São Tiago, São João e Espirito Santo (S. de Vasc., *Cron.*, l. 2, ns. 50-2). — Cf. *Inf. dos Prim. Aldeiam.*

(171) Diogo Jacome (v. nota 22).

(172) V. nota 50.

(173) Cf. S. de Vasc. (o. c., l. 2, n. 86) e v. *Carta X.*

(174) Cf. S. de Vasc. (o. c., l. 2, n. 87).

(175) V. nota 660.

(176) Cf. S. de Vasc. (o. c., l. 2, n. 88).

(177) Villegaignon chegou ao Rio de Janeiro em 10 de novembro de 1555. Depois de tratar se estabelecer na ilha da Lage, construiu na então Seripe (hoje Villegaignon) uma torre a que deu o nome de Coligny.

(178) Com a expedição de Bois le Comte, sobrinho de Villegaignon, chegaram ao Rio de Janeiro, em 7 de março de 1557, quatorze enviados da

Igreja de Genebra, entre os quais dois pastores, Guillaume Chartier e Pierre Richier, e o estudante de teologia Jean de Léry (J. de Léry, *Histoire d'un Voyage fait en la Terre du Brésil*, ed. Gaffarel, 1880, I, p. 42-4).

(179) Jean des Boulez ou Joanes de Bolés, o Jean Cointa de Léry (o. c., I, p. 90). Vindo com Bois le Comte em 1557, foi expulso do forte de Coligny por Villegaignon e refugiou-se com outros franceses na aldeia de Olaria. Em 1558 ou 1559 chegou á fortaleza da Bertioga (São Vicente), com a notícia da invasão dos tamoios chefiada por artilheiros franceses, denunciando que foi a sua vingança contra Villegaignon e lhe valeu o reconhecimento dos vicentinos. Turbulento, inteligente, falando perfeitamente o espanhol, começou logo a hostilizar os jesuítas e escreveu uma invectiva que mandou a Luiz da Grã, que descera de Piratininga para desmascará-lo. Entregue á justiça eclesiastica, foi remetido para o Norte. Esteve em Ilhéus, Porto Seguro, Pernambuco e Baía, onde pôs Mem de Sá ao par dos acontecimentos do Rio de Janeiro. Em 1560, tornou ao Sul na armada do governador que desalojou os franceses da fortaleza de Coligny, tomando parte no combate, que auxiliou grandemente com suas informações. Seguiu depois para Santos, onde o vigário Gonçalo Monteiro, na qualidade de ouvidor eclesiastico e a requerimento do padre Luiz da Grã, ordenou uma devassa, afim de apurar as heresias de que era acusado Bolés. Alegava Luiz da Grã que a devassa feita, por ocasião da primeira estada do francês na Capitania vicentina, se perdera. Na segunda depuseram os jesuítas Nobrega, Anchieta, Fernão Luiz e alguns moradores, entre os quais José Adorno. Absolvido pelo ouvidor eclesiastico, que não achou nos depoimentos prova de "coisa importante nem que obrigue" e apelou da sentença para o bispo d. Pedro Leitão, embarcou Bolés na nau de Estacio de Sá, que voltava para Portugal. Ao arribar a nau na Baía, á 28 de dezembro de 1560, foi prêso, a mandado do bispo, e recolhido ao carcere. Instaurado o auto de culpas, tomaram-se, entre outros, os depoimentos de Estacio de Sá e dos jesuítas Gaspar Pinheiro e Adão Gonçalves. Finalmente, já em meados de 1563, avocada a causa pelo cardeal d. Henrique, Bolés foi remetido para o Reino, na nau *Barrileira*, de que era "mestre e senhorio" Gonçalo Dias da Ponte. Entregue, a 23 de outubro do mesmo ano, ao alcaide do carcere da Inquisição de Lisboa, respondeu a processo, durante o qual requereu uma justificação dos serviços prestados no Rio de Janeiro. O Tribunal, por acórdão de 12 de agosto de 1564, recebeu-o na Santa Madre Igreja, como pedia, sob condição de abjurar seus "hereticos errores" e condenou-o "em pena e penitencia" ao carcere, "pelo tempo que parecer aos Inquisidores". Recolheu-se então Bolés ao mosteiro de São Domingos, onde não chegou a ficar três meses por lhe ter sido logo permitido cumprir em liberdade o resto da penitencia. Mas tarde foi desterrado para a India. E', assim, redondamente falso que tenha sido executado em 1567 no Rio de Janeiro, com Anchieta feito seu assistente espiritual (Anch., *Inf.* de 1584; *Cart. Av.*, XLVIII, e nota 192 de Afranio Peixoto; *Processo de João de Bolés e justificação requerida pelo mesmo*, "An. da Bibl. Nac.", XXV, p. 215-308; *Instrumento dos serviços de Mem de Sá*, l. c., XXVII, p. 129 e seg.; *Den. da Baía*, nota de R. Garcia, p. 331; Candido Mendes, "Rev. do Inst. Hist.", XLII, parte II, p. 141-205; Ramiz Galvão, "Revista Brasileira", Rio, I, p. 283; Capistrano, nota a Varnh., o. c., 3ª ed., I, p. 454-5, e *Prol.* ao l. III de frei V. do Salvador, o. c., 3ª ed., p. 140-1; Celso Vieira, *Anchieta*, 2ª ed., Rio, 1930, p. 76-86). — Sobre a vida de Jean Cointa ou Cointat (também conhecido pelo nome de Hector e doutor em teologia pela Sorbonne) no Forte de Coligny, a sua conversão com Villegaignon ao protestantismo, seu casamento com

uma francesa e as disputas teologicas que tornado sinceramente ou não ao catholicismo, sustentou contra os pastores de Genebra. v. além do livro citado de Léry, o capítulo por este escrito para a obra de Jean Crespin, *Histoire des Martyrs persécutez et mis à mort pour la vérité de l'Évangile, etc.* (que teve várias edições a partir de 1554, sendo mais completa a dataada de Genebra, 1619) e a *Histoire du Brésil Français au seizième siècle* de Paul Gaffarel (Paris, 1878), onde aliás vem reproduzido em apendice o capítulo que Léry escreveu a pedido de Crespin. Note-se que, segundo Gaffarel, Cointa veio ao Brasil com Villegaignon, em 1555 portanto. Mas as declarações, não só de Léry, como do proprio aventureiro e das testemunhas por ele anotadas na justificação constante do seu processo perante a Inquisição, provam que Cointa chegou em 1557, na frota de Bois le Comte. Leia-se ainda a carta de Villegaignon, reproduzida pelo mesmo Gaffarel (o. c., p. 401), em que o fundador da França Antartica se refere a "un iacobin renyé, nommé Jehan Cointat, homme d'entendement prompt e versatile", que em Paris se reuniu aos enviados de Calvino, que Bois le Comte trouxe ao Rio de Janeiro. A carta é bastante curiosa, revelando que Bolés "voulut suivre une doctrine à part": "il se mist à deffendre et publier la confession d'Auguste, et sans dissimuler, impugner la doctrine de Calvin". Acrescenta Villegaignon que Cointa acompanhou os calvinistas, quando estes, deixando o forte de Coligny, habitaram durante dois meses a aldeia de Olaria, antes de seu embarque para a Europa, em 4 de janeiro de 1558.

(180) Nome dado ás filhas de Pierus, rei da Macedonia, como também ás Musas, ou porque venceram aquelas no torneio a que se refere Ovidio (*Met.*, l. V), ou porque residissem no monte Pierus ou Pierius, na Tessalia (*Mitol.*).

(181) Em novembro de 1559 aportou á Baía, sob o comando do capitão-mór Bartolomeu Vasconcelos da Cunha, a armada enviada de Portugal para combater os franceses do forte de Coligny. Nos primeiros meses de 1560 Mem de Sá com duas naus e oito embarcações menores chegou á barra do Rio de Janeiro, onde ficou á espera do reforço de São Vicente.

(182) O socorro se compunha de um "fermoso bergantim artilhado, com algumas canoas de guerra, e soldados destros em semelhante genero, mui malucos e indios" (S. de Vas., o. c., l. 2, n. 77).

(183) Fernão Luiz, por alcunha *Carrapeta*, de quem muito pouco se sabe. Foi recebido em São Vicente provavelmente, devendo ser ele o irmão Fernando, "moço de 15 até 18 anos", a que se refere Pero Corrêa em carta de 1561 (*Cart. Av.*, VII). Em 1561, na vila de Santos, sendo já ordenado de missa, depôs na devassa aberta para apurar as heresias de que era acusado João de Bolés (v. nota 179).

(184) Gaspar Lourenço, que foi recebido em São Vicente por Leonardo Nunes, no ano de 1549. Seguiu, como declara Anchieta, no socorro enviado em 1560 para tomar parte no combate ao forte de Coligny, de onde tornou enfermo a São Vicente. Restabelecido, seguiu para a Baía, a 25 de junho, com Luiz da Grã e outros irmãos, na frota de Mem de Sá. Chegando á Baía a 29 de agosto, aí se ordenou e, como "Cicero na lingua brasileira" (*Cart. Av.*, LIII) que era, grandemente auxiliou a obra de catequese. Quando irmão, "serviu sempre de intérprete das confissões ao padre Luiz da Grã" e foi por este escolhido em 1561, já padre, para em companhia do irmão Simão Gonçalves restaurar a casa de São João (*Cart. Av.*, XLV).

Com esse fim partiu da cidade do Salvador a 15 de março daquele ano, com escala pela aldeia de São Tiago, onde prêgou. Em 1562, acompanhou Luiz da Grã na visita às aldeias de São Pedro e Santo André. Ainda com o provincial, esteve depois na de Santa Cruz de Itaparica, onde os padres se demoraram cinco semanas. Voltando dessa ilha para a Baía, jogou-se ao mar com os índios afim de salvar a jangada em que faziam a travessia. Dois anos mais tarde, 1564, residiu de novo na aldeia de São João, com o padre Baltazar Alvares, e visitou com Grã a de São Paulo. Em janeiro de 1575, pelo provincial Inacio de Polosa foi enviado com um irmão para iniciar a catequese do gentio do Rio Real, em cujas terras levantou as igrejas de São Tomé, Nossa Senhora da Esperança e Santo Inacio (esta na aldeia do principal Curubi). Passou em seguida ao Cirigi, onde construiu a igreja de São Paulo. Com a destruição das igrejas, em virtude da revolta dos índios deante dos agravos que lhes faziam os reinóis, tornou o padre Gaspar Lourenço à Baía, com 1.200 almas. Indo depois ao sertão do Arabó, "trouxe outro golpe de gente" (*Inf. dos Prim. Aldeiam.*).

(185) O ataque se deu a 15 de março de 1560.

(186) Ao contrário do que afirma S. de Vasconcelos (o. c., l. 2, numero 77), Nobrega, como observa Capistrano (nota a Varnh., I, p. 385), esteve presente ao combate contra o forte de Coligny. Para São Vicente, só seguiu, em companhia de Mqm de Sá, depois de terminada a luta contra os franceses, segundo se depreende de suas proprias palavras na carta dirigida ao cardeal d. Henrique (*Cart.*, XXI).

(187) A patente de provincial trouxe-a a leva jesuita vinda com o bispo d. Pedro Leitão e que chegou à Baía a 9 de dezembro de 1559 (S. de Vasc., o. c., l. 2, n. 634).

(188) Era assim de joelhos que os jesuitas de Portugal recebiam sua indicação para as missões, costume inaugurado pelo padre João da Beira no Colegio de Coimbra em 1545, quando escolhido para seguir na primeira leva dali enviada para a Índia (B. Teles, o. c., I, p. 221-4). E foi também de joelhos e "beijando os pés a todos", como ele narra de Grã, que Anchieta em 1578 recebeu sua patente de provincial (Pêro Rodrigues, *Vida do Padre José de Anchieta*, "An. da Bibl. Nac.", XXIX, p. 221).

XII

AO PADRE GERAL DIOGO LAINEZ, DE SÃO VICENTE, A 12 DE JUNHO DE 1561 (189).

Partida do Padre Luiz da Grã para a Baía. — Nobrega em Piratininga. — O caminho de Paranapiacaba. — Visita às aldeias dos antigos discipulos. — Morte de Caiubi e de um seu filho. — Notícias de Santos e Itanhaen. — Substituição do capitão-mór. — Mudança de Santo André da Borda do Campo para Piratininga. — Gregorio Serrão. — Assaltos dos Índios e desfôrço dos Portugueses. — Pestilencia de camaras de sangue. — Morte do Irmão Mateus Nogueira.

No ano passado escrevi por duas vias o que o Senhor teve por bem obrar nestas partes, onde andamos na salvação das almas. Agora darei conta do que quererá saber Vossa Reverendissima para a consolação dos Irmãos, que desejam saber novas de nós outros, como nós outros as desejamos deles.

Depois da partida do Padre Luiz da Grã para a Baía de Todos os Santos, com o Governador, no mês de Junho, um dia depois de S. João Batista (190), se foi o Padre Manuel da Nobrega á Piratininga a visitar os Irmãos, os quais depois que chegou da Baía ainda não havia visitado por suas muitas enfermidades, de que se estava curando, que depois que um pouco convalesceu, se partiu logo, passando assás trabalho, por ter as pernas todas chagadas, lançar sangue pela bôca, e os caminhos serem mui asperos e despovoados, onde não ha conversação senão dos tigres, cujas pisadas achamos muitas vezes frescas, por onde passamos; e é necessario onde se ha de pousar, fazer casa, ou por me-